

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



DOS OBJECTOS INÚTEIS, PERDIDOS OU ESQUECIDOS. OS ARTEFACTOS METÁLICOS DO LARGO DO CORETO (CARNIDE, LISBOA)

Carlos Boavida¹

RESUMO

Em 2012/2013, no âmbito da reabilitação urbanística do Largo do Coreto e ruas adjacentes, teve lugar uma intervenção arqueológica que permitiu a identificação de vários vestígios, entre os quais se destaca um conjunto de silos, abertos no substrato geológico, que após o seu abandono foram utilizados com lixeiras.

Além dos numerosos artefactos cerâmicos, cujo estudo preliminar possibilitou atribuir a formação do contexto em finais do século XVI, primeira metade do século XVII, foram recuperados também objectos produzidos em vidro, osso e diversas ligas metálicas.

Através do presente trabalho dar-se-á a conhecer a diversidade destes últimos, assim como a sua função.

Palavras-chave: Objectos metálicos, Objectos do quotidiano, Lisboa.

ABSTRACT

In 2012/2013, an archaeological intervention took place during the urban rehabilitation of Largo do Coreto (Carnide, Lisboa), where a set of storage pits opened in the geological substrate stands out from several archaeological remains identified.

For the most part, those pits were filled with different types of household waste, which the preliminary study showed dates from the late sixteenth century to the first half of the seventeenth. In addition to the ceramic artifacts, glass, bone and several metal alloy objects were also recovered.

The present work documents highlights diversity, as well the function, of the metal artifacts.

Keywords: Metal objects, Everyday objects, Lisboa.

1. DO SÍTIO DE CARNIDE

As primeiras referências escritas a uma comunidade no local remontam ao século XIII (Caessa & Mota, 2014: 86-87), embora sejam conhecidos alguns achados de cronologia anterior, mas fora do seu contexto original. Exemplos disso são as *cupae* romanas utilizadas como frades em dois edifícios que fazem esquina com a Travessa do Pregoeiro, junto ao Largo da Praça (Cardoso & González, 2008: 6). Num deles (Largo da Praça 7), durante obras de rebaixamento do pavimento do piso térreo e da demolição de paredes interiores, tiveram lugar trabalhos arqueológicos que evidenciaram a possibilidade da existência de vestígios de Época Romana no local, visto que nos

entulhos foram recuperados diversos fragmentos de *opus signinum*. Foi também recolhido fragmento de elemento votivo pré-histórico (Cardoso & Monteiro: 2008: 7).

Recentemente, no âmbito da reabilitação de edifício construído na segunda metade do século XVIII, localizado na Rua Neves Costa, foi também identificado fragmento de inscrição funerária (Cuesta-Gómez & Prata, 2017).

Após a conquista da área do termo de Lisboa aos muçulmanos, as primeiras referências documentais mencionam um núcleo rural em que a actividade agrícola seria a base de subsistência, surgindo um pouco mais tarde outros dados sobre a aldeia de Carnide organizada ao redor da Igreja de S. Lourenço e

1. Instituto de Arqueologia e Paleociências – UNL; Associação dos Arqueólogos Portugueses; cmpboavida@gmail.com

da ermida do Espírito Santo, junto ao Alto do Poço (Caessa & Mota, 2014: 86-87).

A procissão do Círio da Senhora do Cabo, assim como o milagre da Luz e a construção da respectiva ermida, atraíram vários peregrinos, mas também ordens religiosas que começaram a erguer as suas casas na zona, juntando-se assim às quintas de recreio de importantes famílias que também ali se foram instalando. Uma parte significativa daqueles edifícios foram bastante afectados pelo Terramoto de 1755, tendo-se verificado um lento processo de reconstrução (Valla, 2014: 72). Foi assim que apenas na segunda metade do século XIX, a então Câmara Municipal de Belém procedeu a diversas alterações no espaço público de Carnide. O Alto do Poço foi nessa data regularizado, através de terraplanagem, dando lugar ao actual Largo do Coreto e permitindo a alargamento dos principais arruamentos que o delimitam. A ermida do Espírito Santo foi demolida em 1858 e o seu cemitério transferido definitivamente para Benfca em 1869 (Caessa & Mota, 2014: 87-88).

Embora seja provável que no âmbito daquelas obras tenham sido identificados os silos, visto que aquelas destruíram a parte superior de muitos deles (Caessa & Mota, 2014: 91), as primeiras notícias sobre a descoberta de *covas de pão* em Carnide vão surgir apenas no início do século XX (Pereira, 1910). Contudo, foi só no final daquela centúria que aquelas estruturas de armazenamento de cereais foram identificadas do ponto de vista arqueológico. Tendo em conta os numismas recolhidos no interior dos seis silos então encontrados no Largo do Jogo da Bola, tudo indica que aqueles terão sido usados como lixeiras durante o século XVI (Diogo & Vital, 1998: 52).

Mais de duas décadas depois, os trabalhos arqueológicos ocorridos no âmbito da requalificação urbana e paisagística do Largo do Coreto e ruas adjacentes permitiram a identificação de mais silos, num total de 136, dos quais foram integralmente escavados 71 (Caessa & Mota, 2013: 1027) (Figura 1).

Além de objectos de diversos tipos cerâmicos (comum, vidrada, brunida, modelada, pedrada, esmalhada e porcelana) e variadas proveniências (nacionais, europeias e asiáticas) foram recolhidos múltiplos objectos em vidro e em ligas metálicas. Colectaram-se igualmente artefactos em osso, assim como grande quantidade de restos faunísticos (Figura 2).

Tendo este espólio, o momento de abandono destas estruturas negativas terá ocorrido entre os finais do século XVI e os meados da centúria seguinte (Caes-

sa & Mota, 2013, 2014, 2016; Casimiro, Boavida & Detry, 2017; Casimiro, Boavida & Moço, 2017).

Foram ainda identificados os níveis correspondentes às fundações da ermida do Espírito Santo, tal como alguns vestígios da necrópole daquele templo. Também foram encontradas evidências dos trabalhos de terraplanagem ocorridos no século XIX, assim como as valas de instalação de diversas infraestruturas contemporâneas, que nalguns locais afectaram os contextos anteriores, revolvendo os mesmos e o espólio que lhes estava associado (Caessa & Mota, 2014: 88).

2. O ESTUDO DA COLECÇÃO²

O estado de conservação deficitário em que a maioria dos artefactos metálicos normalmente são encontrados impede muitas vezes a sua correcta identificação. Tal facto leva a que aqueles sejam frequentemente remetidos para depósito após inventário sumário, sem que seja produzida bibliografia sobre os mesmos, já de si bastante escassa, o que, em parte, também impede a análise deste tipo de colecções.

No que diz respeito a Portugal, estudos monográficos pontuais, publicados em revistas e congressos (Ponte, 1987; Mourão, 2005/2007; Boavida, 2011, 2016, 2017b; Lourenço, 2011; Luna & Cardoso, 2012; Teixeira & Gil, 2012; Torres, 2012), assim como catálogos de várias exposições recentes (Barroca & Monteiro, 2000) tem dado a conhecer algumas peças de maior destaque, rareando no entanto estudos sistemáticos dados à estampa sobre estes acervos.

Os trabalhos publicados sobre esta temática pelo Museu de Londres são de referência incontornável (Cowgill, Neergaard & Griffiths, 1987; Egan & Pritchard, 1991; Clark, 1995; Egan, 1998), tal como os da auto-

2. Alguns destes artefactos foram publicados anteriormente integrados em estudo preliminar sobre os objectos usados na cozinha e à mesa na Lisboa de Idade Moderna (Boavida, 2017a), apresentado no 1.º seminário *Fragments de Arqueologia de Lisboa* “Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade”, organizado pelo Centro de Arqueologia de Lisboa (CML) em colaboração com a Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Uma amostra do conjunto esteve em exposição durante a Feira da Luz, em Setembro de 2015, no âmbito da qual também ocorreu conferência promovida pelo Centro de Arqueologia de Lisboa – CML, integrada no ciclo “Arqueologia no Bairro”, proferida por Ana Caessa e Nuno Mota, sobre os trabalhos arqueológicos ocorridos no Largo do Coreto e ruas adjacentes (16 Set. 2015).

ria de Ivor Noël Hume (1969), Gabrielle Démians d'Archimbaud (1980) e Kathleen Deagan (2002; Deagan & María Crucent, 2002), que reportando todos eles a contextos externos ao território nacional fornecem importantes contributos para o estudo dos artefactos metálicos em Portugal.

São 3279 os artefactos metálicos recuperados na intervenção arqueológica ocorrida no Largo do Coreto e ruas adjacentes. A maioria (90,7 %) foram produzidos em ferro, mas estão igualmente presentes em quantidade significativa objectos em ligas de cobre (9,21 %). De forma muito residual e função indeterminada foram encontrados ainda elementos em chumbo (0,09 %).

Por ora, apenas uma parte muito reduzida deste acervo foi alvo de trabalhos de consolidação e conservação, mas aqueles que já o foram permitiram a caracterização de várias peças à partida de função indeterminada, nomeadamente no que diz respeito às de ferro que apresentam grande quantidade de concreções. Em relação aos objectos de cobre, a maioria encontram-se em bom estado de conservação, o que possibilitou a sua fácil identificação, tal como sucedeu com os de bronze, embora estes apresentem alguma oxidação.

Para a sua análise organizaram-se os artefactos em seis categorias, tendo em conta a sua forma e função: objectos domésticos, utensílios de cozinha, elementos de vestuário, instrumentos oficinais e/ou profissionais, objectos sonoros e equipamento de cavalaria e armaria. Algumas destas peças devido à sua versatilidade não se integram apenas numa categoria, mas nesta mostra estão naquela a que são associadas mais frequentemente. Em relação aos objectos que não foi possível incluir em nenhuma das categorias referidas foram remetidos para o grupo dos “outros”, onde estão também os indeterminados.

Foi aferida a forma e função de 2520 artefactos (85 %), dos quais 1936 (77 %) são pregos, cavilhas e cravos, que não serão abordados no âmbito deste artigo.

Para esta apresentação preliminar seleccionaram-se 76 objectos. Embora correspondam apenas a 2 % da colecção, pela sua qualidade e diversidade, considerou-se que são representativos daquela.

3. OBJECTOS DOMÉSTICOS

Incluem-se nesta categoria todos aqueles que se integram naquele tipo de ambiente, nomeadamente os elementos de mobiliário (móveis, arcas/baús) e

objectos de uso quotidiano (candeia, chaves e cadeados), sendo a maior parte deles de ferro.

Em relação aos primeiros, encontraram-se vários exemplares de fechaduras de formato quadrangular em caixa (Figuras 3A e 3C). Aquelas guardam o mecanismo do fecho, mostrando ao centro o orifício onde era introduzida a chave e no lado superior direito a ranhura onde entrava a gancheta do ferrolho. Deste último foi recuperado um único exemplar constituído por eixo longitudinal, do centro do qual, na perpendicular, arranca travessa em cujo extremo existe gancheta que permitia o fecho da arca/baú (Figura 3B).

Estão presentes igualmente diversas chaves que, pela sua pequena dimensão, deveriam pertencer a este tipo de contentores de transporte ou armazenamento (Figuras 4A/4B/4C/4D/4E/4F). Algumas delas podem ter sido usadas também em cadeados, igualmente presentes na colecção de Carnide, em quantidade que se pode considerar assinalável (Figuras 4G/4H/4I/4J). A forma do cadeado 4J é mais tardia que as dos restantes (Hume, 1969: 250), pelo que deverá ser posterior ao abandono dos silos.

Foram recolhidos vários tipos de dobradiças. As mais simples e de menor dimensão seriam usadas para fixação de tampas de arcas/baús ou de postigos ou portas de armários de pequena dimensão, enquanto as maiores, de formato trapezoidal, estariam em portas maiores, tanto de armários como de compartimentos (Figuras 3D/3E).

Estão presentes duas dobradiças em bronze, uma delas completa, que possuem decoração algo elaborada, recortada a partir de placa metálica, que devem ter pertencido a um mesmo armário copeiro, visto que são peças idênticas em forma e dimensão (Figuras 3G/3H). É interessante verificar que em ambos os casos, os eixos de fixação se encontram dobrados nas pontas na mesma proporção, indicando a espessura das tábuas de madeira do móvel que integravam.

Foram ainda encontrados outros elementos, tanto em bronze como em cobre, que seriam aplicados no mobiliário criando efeitos decorativos (Figura 3F).

Este tipo de ferragens pode ser observado em múltiplos exemplares da colecção de mobiliário do Museu Nacional de Arte Antiga, nomeadamente os atribuídos à primeira metade do século XVII.

Dentro desta temática, deve ser ainda referida a presença de uma candeia em ferro (Figura 4K).

4. UTENSÍLIOS DE COZINHA

Nos utensílios de cozinha, usados para preparar e servir os alimentos, destacam-se as facas. Apesar do estado de conservação deficitário, mostram lâminas em ferro de formato tendencialmente triangular alongado com a ponta arredondada (Figuras 5C/5D/5E). Existem dois cabos que preservam elementos de madeira e de osso, tendo ambos rebites de fixação em cobre (Figuras 5A/5B).

Foram recuperadas duas pintadeiras de diferente tipologia. Tratam-se de dois utensílios que permitiam criar variadas marcações em pães e bolos, possibilitando a sua distinção quando os mesmos eram cozidos em fornos comunitários. Por vezes eram usadas igualmente para decorar aqueles em datas festivas (Pereira & Pericão, 2015: 393). A de cobre, em forma de pingente, mostra na base motivo reticulado (Figuras 5F/5G); enquanto a outra, de bronze, é em forma de chavão, o que confere a esta tipologia de pintadeira a designação “chavão alentejano” (Figura 5H). Segundo Abel Viana, estas peças provêm de contextos datáveis desde a Alta Idade Média até à actualidade do Baixo-Alentejo e Algarve (1961/62: 162-163), mas tem sido recuperados exemplares em locais, como Portel, Santarém e Castelo Branco (Nolen, 2004: 31; Boavida, Casimiro & Silva, 2013: 939; Boavida, 2015: 14-15).

Não sendo utensílios de cozinha, mas sendo indispensáveis para a manutenção de alguns alguidares de grande dimensão, nesta categoria foram incluídos o que se convencionou chamar “gatos de alguidar”. Tratam-se de pequenas peças tubulares de ferro, algo achatadas, que em ambas as pontas apresentam um pequeno gancho (Figura 5I). Na análise preliminar não tinha sido possível identificar a sua função, mas a presença de um exemplar *in situ* num alguidar vidrado verde proveniente do mesmo contexto permitiu a sua classificação (Figura 5J). Ao contrário dos “gatos” usados em outros tipos cerâmicos, onde é necessário perfurar a totalidade da superfície da peça para os colocar, neste caso são apenas cravados em orifícios que não ultrapassam um terço da espessura da parede da peça cerâmica.

5. ELEMENTOS DE VESTUÁRIO

Nesta categoria predominam as fivelas, tanto em cobre como em bronze. As primeiras de pequena dimensão surgem em dois formatos: redonda com tra-

vessa central e semicircular, com um dos lados recto (Figuras 6C/6D/6E/6F). Estas últimas, que podem ter sido usadas em cintos ou correias, tem semelhanças com outras recolhidas em níveis quinhentistas identificados no poço dos antigos paços do concelho de Torres Vedras (Cardoso & Luna, 2012: 96).

Não foi possível aferir paralelos para a grande fivela redonda em bronze, nem para uma outra de cobre com fuzilhão de ferro. Pelo diminuto formato desta última pensamos que deverá ter pertencido à presilha de um sapato, ou poderá ter sido usada no punho ou no joelho (Figuras 6K/6L). Por outro lado, esta fivela pode ser de uma cronologia mais tardia, proveniente de níveis revolvidos pela criação do aterro do século XIX que regularizou a área do Largo do Coreto. A mesma situação deverá ter ocorrido com fivela de bronze, com travessa central, decorada em relevo (Figura 6M).

Foram recolhidos dois botões. O mais pequeno é de cobre e apresenta formato côncavo com argola de fixação no reverso (Figura 6A). O outro, em bronze, com características formais idênticas, é plano e pela sua dimensão parece ter pertencido a uma casaca (Figura 6B).

Os alfinetes, constituídos por haste à qual foi enrolado fio posteriormente batido, criando assim cabeça destacada, são os artefactos de cobre mais frequentes na colecção, contando-se cerca de uma centena (Figura 6H). Os exemplares de menor dimensão e mais finos podem ter sido usados em trabalhos de costura³. Em segundo lugar surgem as agulhetas (Figura 6J), pequenas folhas de cobre enroladas na ponta dos atilhos e atavios que permitiam ajustar as diferentes peças de vestuário. Não chegam às quatro dezenas. Na colecção existem duas peças, ambas de cobre, que se podem classificar numa subcategoria relativa a acessórios. Trata-se de um pequeno anel e de uma cadeia de corrente, que poderá eventualmente ter integrado pulseira ou colar (Figura 6G/6I).

6. INSTRUMENTOS OFICINAIS E/OU PROFISSIONAIS

Contam-se diversos exemplares de tesouras, algumas completas, na colecção de Carnide (Figuras

3. Embora do lado Oeste do Largo do Coreto tenham sido encontrados vestígios da necrópole da antiga Ermida do Espírito Santo, os alfinetes aqui em análise não surgiram associados àquele contexto.

7C/7D/7E). Apesar da sua função exclusiva como objecto cortante, a sua versatilidade possibilitava o seu uso para variado fins. No âmbito desta análise optou-se por considerá-las associadas ao ofício da alfaiataria ou costura, mas podiam ser igualmente utilizadas na preparação de alimentos (Boavida, 2017a: 127).

Em termos iconográficos, as tesouras aparecem, pelo menos, em três obras datadas da primeira metade do século XVI, todas elas com a mesma temática, a “Anunciação”. Podemos vê-las nos retábulos do Mosteiro de Santo António de Ferreirim (1533/1534), no do Mosteiro de Santos-o-Novo (1539-1541) e no da Sé de Viseu (1501-1506) (Henriques, 2010). Normalmente estão num cesto de verga acompanhadas por diversos tecidos, mas no último caso referido está também presente um dedal.

Encontraram-se vários dedais em Carnide. São peças de formato troncocónico, com a parte superior aplanada, cuja superfície externa se apresenta totalmente pontilhada, com excepção da zona do bordo (Figura 7A). Usado como instrumento auxiliar durante a costura, este acabamento impede que agulhas e alfinetes deslizem quando empurrados pelo dedal. Embora não tenham sido encontradas referências bibliográficas sobre o assunto, existem na colecção dois dedais sem fundo, conhecidos usualmente como *dedais de alfaiate*, em oposição aos dedais usados pelas costureiras ou bordadeiras. Alguns dos exemplares mostram marca da oficina onde foram produzidos junto do bordo, existindo três marcas distintas na colecção (Figura 7B).

Em contextos arqueológicos seiscentistas identificados no castelo de Portel foram colectados dedais associados a alfinetes e agulhas (Nolen, 2004: 31). Ainda dentro desta categoria devem ser referidos uma sachola (Figura 7G), um martelo (Figura 7H) e duas machadinhas (Figura 7F). Os primeiros seriam utilizados, respectivamente, por um jornaleiro/agricultor e por um carpinteiro ou marceneiro.

O machado é frequentemente associado com os lenhadores, que numa área rural como seria Carnide estariam bastante presentes, pois eram necessários para o corte de lenha usada para os mais diversos fins. No entanto, a pequena dimensão dos dois exemplares encontrados e a grande diversidade de restos faunísticos recolhidos no âmbito da intervenção levam-nos a pensar que estas machadinhas seriam usadas numa carniçaria, onde as carcaças dos animais seriam desmontadas após o abate daqueles

(Boavida, 2017a: 127). No segundo volume da *Enciclopédia de Diderot e d’Alembert* (1763) pode ser vista imagem ilustrativa desta actividade, nas estampas relativas a “*Boucher*”, onde surgem vários tipos de machadinhas.

7. OBJECTOS SONOROS

São poucos os objectos nesta categoria, embora esteja presente quase uma dezena de címbalos (Figura 8B). Estes apresentam formato circular, côncavo na parte central, onde mostram orifício circular para eixo de fixação. Eram usados normalmente em pares ou associados a pandeiretas, tanto em cerimónias religiosas como profanas. Foram recuperadas peças idênticas em duas casas religiosas lisboetas, um deles no Convento de Sant’Ana (Gomes *et alli*, 2013: 1060) e o outro no Mosteiro de São Vicente de Fora, estando neste último em exposição no núcleo museológico ali existente.

Os outros objectos sonoros descobertos são uma campainha de bronze e dois guizos de cobre, que podem ter sido usados em animais, a primeira ao pescoço de cabras ou ovelhas e os outros na falcoaria (Figuras 8A e 8C) (Deagan, 2002: 139-140). Dada a sua dimensão, estes guizos recordam igualmente os que se podem observar, a par de pequenas campainhas, na parte inferior das vestimentas de alguns clérigos retratados em retábulos do século XVI, como o do Convento de São Francisco de Évora (1508-1511) e do Convento de Nossa Senhora do Paraíso, em Lisboa (1527), nomeadamente nas cenas da “*Apresentação do Menino no Templo*” (Henriques, 2010). A sua utilização deste modo poderia estar relacionada com a convicção de que o ruído provocado por aqueles objectos afastaria os maus espíritos (Deagan, 2002: 140).

8. EQUIPAMENTO DE CAVALARIA E ARMARIA

Entre os objectos relacionados com a cavalaria estão diversas ferraduras, esporas, uma fivela de cilha e várias argolas que podem ter sido usadas em arreios (Figura 9F). As primeiras podiam ser usadas tanto em animais de carga como em outros de maior nobreza, como os cavalos, que seriam usados por cavaleiros ou para servirem em carruagens de personalidades de maior estatuto social (Figura 9B).

O que se preserva das esporas da colecção de Carnide sugere que aquelas seriam de espeto (Figura 9A).

Trata-se de peça da indumentária de um cavaleiro que surge em diversas cronologias anteriores às do contexto em estudo, como sucede com as esporas encontradas em Évora e em Santarém, atribuídas aos séculos XIII-XIV (Gonçalves, 2000: 287-289; Ramalho, 2000: 292). Em níveis da centúria seguinte foi recolhida fivela de cilha no castelo de Faria (Barcelos) (Barroca, 2000: 306). Este tipo de fivela era usado para ajustar as selas no dorso dos cavalos (Figura 9C). Entre os objectos de armaria foram recuperados elementos de algumas armas brancas, nomeadamente ponteiras de bainha de punhal e o pomo de uma espada. As primeiras surgiram tanto em ferro como em bronze, por vezes com vestígios do invólucro de madeira que constituía a bainha no seu interior (Figuras 9G/9H/9I). Sendo relativamente pequenos, os punhais eram usados frequentemente à cintura, como se verifica em “*Martírio de São Sebastião*” (1536-1539), tela proveniente da charola do Convento de Cristo ou em “*Ressurreição*”, que integrava o já citado retábulo do Mosteiro de Santos-o-Novo (1539-1541), ambos da autoria de Gregório Lopes e nas colecções do Museu Nacional de Arte Antiga (Henriques, 2010).

Naquele museu encontra-se também exposto, da autoria do Mestre da Lourinhã, parte do retábulo da Igreja de Santiago de Palmela (1520-1525), onde, na pintura “*Santiago combatendo os mouros*” surge espada cujo pomo se assemelha ao da colecção em análise. Este pomo de ferro, maciço e pesado, tem formato esférico com decoração gomada pouco relevada (Figura 9D). Pode ter pertencido a espada de guardas portuguesas, como a representação iconográfica citada, mas aquela forma das guardas é algo mais antiga que o contexto identificado em Carnide.

9. OUTROS

Como mencionado anteriormente neste grupo estão incluídos os objectos que não foi possível integrar nas restantes categorias, assim como os objectos indeterminados.

Foi recolhida pequena haste espalmada que terá integrado uma pinça (Figura 10A), semelhante a outra encontrada em Torres Vedras em níveis do século XV (Cardoso & Luna, 2012: 95) e que poderá evidenciar a prática de cuidados de higiene.

Encontra-se presente ponteira de cobre que estaria na ponta inferior de bastão ou cajado, que desse modo permitia que aquele tivesse um menor des-

gaste. No seu interior conserva pedaço de madeira do dito bastão ou cajado (Figura 10E).

Recuperaram-se duas peças de formato discoidal, côncavas na parte central, ambas com decorações em relevo, mais desenvolvidas na peça de cobre (Figura 10F) e linear concêntrica na de bronze (Figura 10B). Ambas apresentam dois furos para permitir a sua fixação noutra elemento, mas não foi possível aferir qual, nem a função daquelas.

Encontrou-se igualmente objecto (mal) articulado em bronze (Figura 10C) que parece ter pertencido a artigo de mobiliário, mas o seu estado de conservação, mesmo após tratamento, não permite certezas. Mostra decoração bastante elaborada.

Por último não deve deixar de ser referida a existência de lâmina de lança em ferro (Figura 10D). Sendo totalmente oca, o que não lhe dá qualquer tipo de resistência em caso de eventual confronto, aquela deverá ter pertencido a peça de ostentação, como possível estandarte usado em procissão ou parada.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho resulta da análise e estudo dos artefactos metálicos encontrados durante os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no âmbito do projecto de requalificação urbanística e paisagística do Largo do Coreto e ruas adjacentes, espaços localizados no centro histórico de Carnide (Lisboa).

A diversidade formal da colecção demonstra a presença de objectos que de outro modo não seria possível documentar de forma concreta, mesmo que fossem usuais em contextos similares. São exemplos disso as várias peças de mobiliário, das quais há muito desapareceram as madeiras que as constituíam. Situação idêntica sucede com os restos de facas e punhais ou até mesmo da espada, dos quais cabos, punhos e bainhas não se encontram mais presentes. Poderá também dizer-se, no que diz respeito aos elementos de vestuário e aos objectos sonoros, que estes revelam os gostos e as crenças de quem os usou. Por outro lado, a existência de alguns utensílios evidencia a prática de determinadas actividades, como sejam os dedais do alfaiate, o martelo do carpinteiro e/ou marceneiro, as machadinhas do carnicheiro ou a sachola do agricultor/jornaleiro. Tais ofícios seriam frequentes, tanto na cronologia como em contextos idênticos, mas a presença dos objectos associados aqueles possibilita um melhor conhecimento sobre os locais onde eram usados.

A análise e estudo sistemático de colecções como esta podem fornecer indicadores sobre a organização e a caracterização dos espaços, permitindo uma mais apurada reconstituição dos quotidianos do Passado.

AGRADECIMENTOS

Ana Caessa, Nuno Mota, António Marques, Guilherme Cardoso, Moisés Campos, Ana Margarida Moço. Centro de Arqueologia de Lisboa – Câmara Municipal de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

ARCHIMBAUD, Gabrielle Démians d' (1980) – *Les fouilles de Rogiers (VAR). Contribution à l'archéologie de l'habitat rural medieval en pays méditerranéen*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 724 p.

BARROCA, Mário Jorge (2000) – “Fivela de cilha” in Barroca, M. J.; Monteiro, J. G. (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português* (catálogo da exposição no Museu Nacional de Arqueologia). Palmela: Câmara Municipal, p. 306.

BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) (2000) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português* (catálogo da exposição no Museu Nacional de Arqueologia). Palmela: Câmara Municipal, 434 p.

BOAVIDA, Carlos (2011) – “Artefactos metálicos do castelo de Castelo Branco (Castelo Branco, Portugal)”. *Açafa Online*, 4. [S. l.]: Associação de Estudos do Alto Tejo, 44 p.

BOAVIDA, Carlos (2015) – “Da Cozinha” in Rechená, A. (coord.) *Do Castelo. Do Tempo. Arqueologia no Castelo Branco* (catálogo da exposição no Museu Francisco Tavares Proença Júnior. Castelo Branco: Sociedade de Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, pp. 14-16.

BOAVIDA, Carlos (2016) – “Objectos de uso pessoal medievais e modernos no castelo de Castelo Branco” in Vilaça, R. (coord.) *II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco*. Castelo Branco: Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, pp. 391-405.

BOAVIDA, Carlos (2017a) – “Preparar, servir e comer – Vestígios arqueológicos metálicos do que se usava na cozinha e à mesa na Lisboa da Idade Moderna. Uma primeira abordagem” in Senna-Martínez, J. C.; Martins, A. C.; Melo, A. A.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I. (eds.) *Diz-me o que comes. . . Alimentação antes e depois da cidade*. Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, 1. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa – CML, Secção de Arqueologia / Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 122-130.

BOAVIDA, Carlos (2017b) – “Objectos do quotidiano num poço do Hospital Real de Todos-os-Santos” in *Uma cidade em escavação. I Encontro de Arqueologia de Lisboa*.

Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa – Câmara Municipal de Lisboa.

BOAVIDA, Carlos; CASIMIRO, Tânia Manuel; SILVA, Telmo (2013) – “Silos medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): estruturas e cultura material” in Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C. (eds.) *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 937-945.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2013) – “Redescobrimo a história de Carnide: a intervenção arqueológica no Largo do Coreto e envolvente” in Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C. (eds.) *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*; Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1025-1032.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2014) – “O núcleo histórico de Carnide. O contributo da investigação arqueológica” in Veiga, C. M.; Reis, M. F. (coord.) *Quadros da História de Lisboa: a freguesia de Carnide*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, pp. 83-104.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2016) – “A Arqueologia em Carnide e a intervenção arqueológica no Largo do Coreto”. *Rossio – Estudos de Lisboa*, 6. Lisboa: Direcção Municipal de Cultura / Departamento de Património Cultural, pp. 96-107.

CARDOSO, Guilherme; GONZÁLEZ, António (2008) – “Duas copas romanas em Carnide (Lisboa)”. *Al-Madan*, S.II – 16. Almada: Centro Arqueológico de Almada, p. 6.

CARDOSO, Guilherme; LUNA, Isabel (2012) – “Fragmentos do quotidiano urbano de Torres Vedras, entre os séculos XV e XVIII: um olhar através dos objectos do poço dos Paços do Concelho” in Teixeira, A.; Bettencourt, J. A. (ed.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 1. ArqueoArte, 1. Lisboa: Centro de História do Além Mar – FCSH/UNL e UAç, pp. 163-110.

CARDOSO, Guilherme; MONTEIRO, Mário (2008) – “Um instrumento votivo pré-histórico descoberto em Carnide (Lisboa)”. *Al-Madan*, S.II – 16. Almada: Centro Arqueológico de Almada, p. 7.

CASIMIRO, Tânia Manuel; BOAVIDA, Carlos; DETRY, Cleia (2017) – “Cozinhar e comer: cerâmicas e alimentação em Carnide (1550-1650)” in Senna-Martínez, J. C.; Martins, A. C.; Melo, A. A.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I. (eds.) *Diz-me o que comes. . . Alimentação antes e depois da cidade*. Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, 1. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa – CML, Secção de Arqueologia/Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 110-121.

CASIMIRO, Tânia Manuel; BOAVIDA, Carlos; MOÇO, Ana (2017) – “Louça «de fora» em Carnide (1550-1625). Estudo do consumo de cerâmica importada” in *Uma cidade em escavação. I Encontro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa – Câmara Municipal de Lisboa.

CLARK, John (1995) – *The Medieval Horse and its Equipment c.1150 – c.1450*. Medieval finds from excavations in London, 5. London: The Boydell Press in association with Museum of London, 185 p.

- COWGILL, Jane; NEERGAARD, Margrethe de; GRIF-FITHS, Nick (1987) – *Knives and scabbards. Medieval finds from excavations in London, 1*. London: Boydell Press in association with Museum of London, 169 p.
- CUESTA-GÓMEZ, José Fabián; PRATA, Sara (2017) – “601 – Uma ara romana recuperada em Carnide, Lisboa (*Conventus Scallabitanus*)”. *Ficheiro Epigráfico*, 148. Coimbra: Instituto de Arqueologia – Faculdade de Letras / Universidade de Coimbra, 7 p.
- DEAGAN, Kathleen (2002) – *Artifacts of the Spanish Colonies of Florida and the Caribbean, 1500-1800 – vol. II: Portable personal possessions*. [S. l.]: Smithsonian Institution Press, 372 p.
- DEAGAN, Kathleen; MARÍA CRUXENT, José (2002) – *Archaeology at La Isabela. America's first european town*. [S. l.]: Yale University, 377 p.
- DIOGO, Ant.º Dias; VITAL, Nestor Faria (1998) – “Estudo das moedas encontradas nos silos do Largo do Jogo da Bola, em Carnide, Lisboa”. *Olisipo – Boletim do Grupo dos Amigos de Lisboa*, S.II – 6. Lisboa: Grupo dos Amigos de Lisboa, pp. 49-52.
- EGAN, Geoff (1998) – *The Medieval Household. Daily Living c.1150 – c.1450*. Medieval finds from excavations in London, 6. London: The Boydell Press in association with Museum of London, 342 p.
- EGAN, Geoff; PRITCHARD, Frances (1991) – *Dress Accessories 1150-1450*. Medieval finds from excavations in London, 3. London: The Boydell Press in association with Museum of London, 410 p.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; ALMEIDA, Mariana; BOAVIDA, Carlos; NEVES, Dário; HAMILTON, Kierstin; SANTOS, Carolina (2013) – “Convento de Santana (Lisboa). Estudo preliminar do espólio da fossa 7” in Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C. (eds.) *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1057-1065.
- GONÇALVES, Ana M.ª (2000) – “Par de esporas de espeto” e “Par de esporas de espeto e placa decorativa” in Barroca, M. J.; Monteiro, J. G. (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português* (catálogo da exposição no Museu Nacional de Arqueologia). Palmela: Câmara Municipal, pp. 287-289.
- HENRIQUES, Ana de Castro (coord.) (2010) – *Os Primitivos Portugueses 1450-1550. O Século de Nuno Gonçalves* (catálogo da exposição no Museu Nacional de Arte Antiga). Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, Athena, 308 p.
- HUME, Ivor Noël (1969) – *A guide to artifacts of Colonial America*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 323.
- LOURENÇO, Manuel Alves (2011) – “Algumas reflexões acerca dos objectos religiosos encontrados nas escavações no claustro da Academia das Ciências de Lisboa”. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa: Classe de Ciências*, Tomo XLIII, vol. II (2006/2007). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 49-76.
- MOURÃO, Teresa (2005/07) – “As medalhas religiosas de Santa Clara-a-Velha”. *Nvmmvs*, S. 2 – 28/30. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática, pp. 315-351.
- NOLEN, Jeannette U. Smit (2004) – *Museu de Arqueologia do Castelo de Vila Viçosa* (roteiro). [S.l.]: Fundação da Casa de Bragança, 39 p.
- PEREIRA, Ana Marques; PERICÃO, M.ª da Graça (2015) – *Do Comer e do Falar... Tudo vai do começar. Vocabulário Gastronómico*. Artes da Cozinha, 2 [S. l.]: Relógio de Água, 517 p.
- PEREIRA, Gabriel (1910) – *Pelos subúrbios e vizinhanças de Lisboa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, pp. 53-146.
- PONTE, Salette da (1987) – “Artefactos romanos e post-romanos de S. Cucufate”. *Conímbriga*, 26. Coimbra: Instituto de Arqueologia – Faculdade de Letras / Universidade de Coimbra, pp. 133-165.
- RAMALHO, M.ª Magalhães (2000) – “Pequena espora de espeto” in Barroca, M. J.; Monteiro, J. G. (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português* (catálogo da exposição no Museu Nacional de Arqueologia). Palmela: Câmara Municipal, p. 292.
- TEIXEIRA, André; GIL, Luís Serrão (2012) – “Cada botão sua casaca. Indumentária recuperada nas escavações arqueológicas da fragata Santo António da Taná, naufragada em Mombaça em 1697” in Teixeira, A.; Bettencourt, J. A. (ed.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 2. ArqueoArte, 1. Lisboa: Centro de História do Além Mar – FCSH/UNL e UAç, pp. 617-682.
- TORRES, Andreia (2012) – “O mobiliário do Palácio Marialva (Lisboa). Discursos socioeconómicos” in Teixeira, A.; Bettencourt, J. A. (ed.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 1. ArqueoArte, 1. Lisboa: Centro de História do Além Mar – FCSH/UNL e UAç, pp. 95-110.
- VALLA, Margarida (2014) – “A identidade urbana e arquitectónica do núcleo histórico de Carnide” in Veiga, C. M.; Reis, M. F. (coord.) *Quadros da História de Lisboa: a freguesia de Carnide*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, pp. 61-81.
- VIANA, Abel (1961/62) – “Notas várias: Circunstâncias habituais de exploração arqueológica em Portugal”. *Arquivo de Beja: Boletim, Estudos, Arquivo*, vols. XVIII/XIX. Beja: Câmara Municipal, pp. 89-211.

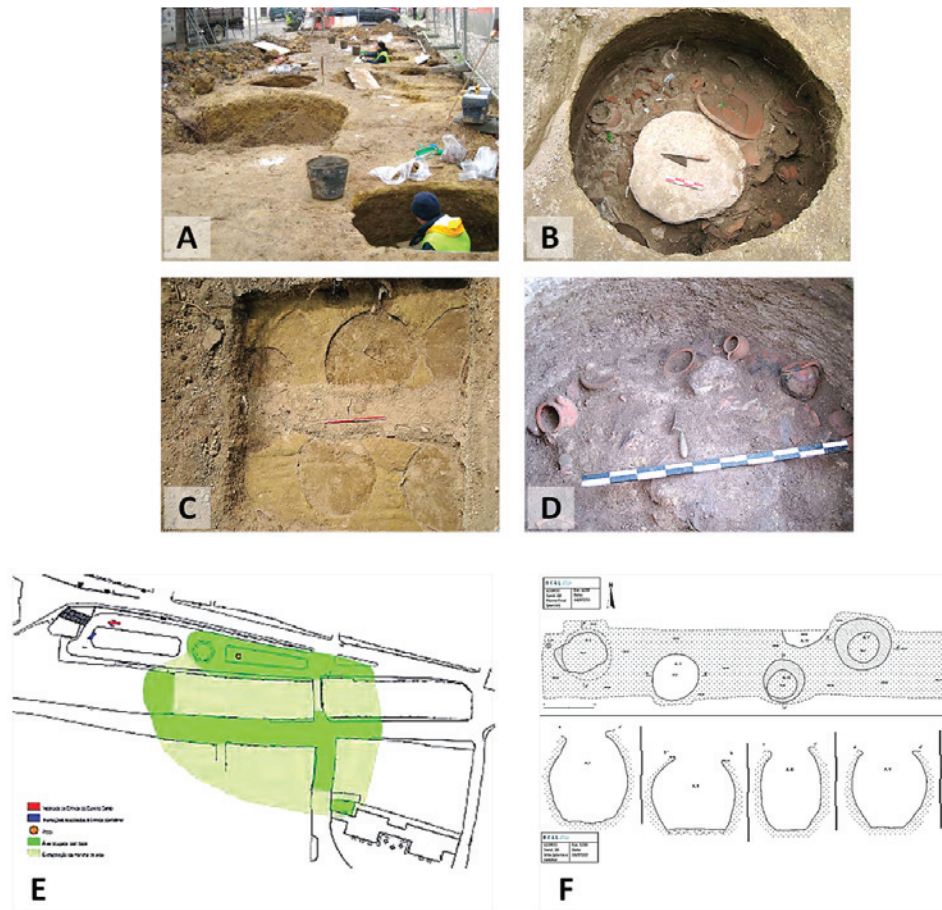


Figura 1 – A escavação. A/D – diferentes aspectos; E – planta geral dos achados; F – Planta e corte de 4 silos identificados na sondagem 28 (Caessa & Mota, 2016).



Figura 2 – Espólio recuperado na intervenção arqueológica. A – Cerâmica de cozinha; B – Cerâmica de mesa (comum, vidrada e brunida); C – Cerâmica modelada; D – Cerâmica malagueira; E – Faiança Portuguesa; F – Cerâmica de reflexo metálico; G – Majólicas italianas; H – Porcelana chinesa; I – Apitos em forma de cavalo; J – Vidros *façon de venise*; K – Cerâmica pintada a branco (brinquedos?) e mealheiro (Caessa & Mota, 2016).

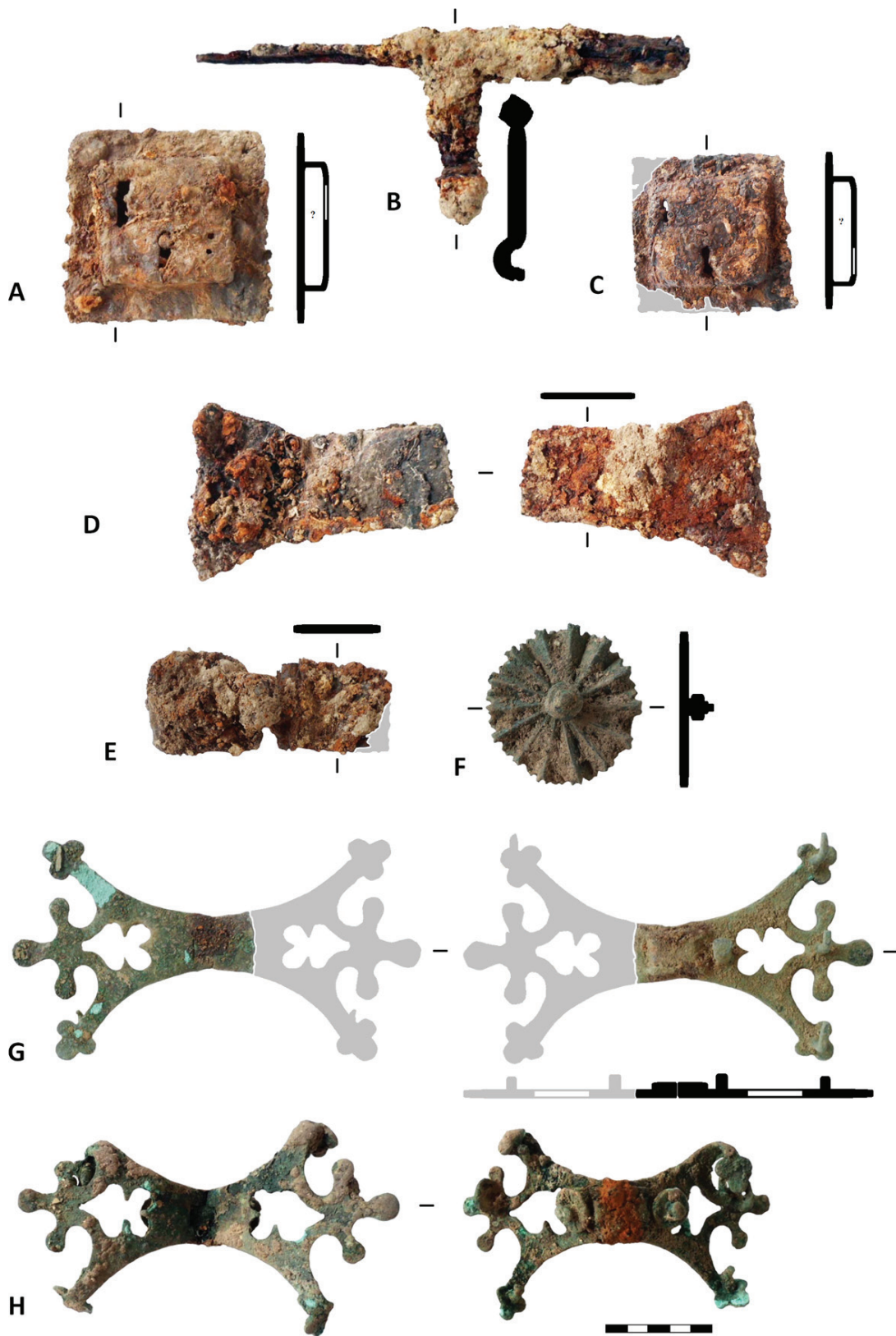


Figura 3 – Objectos domésticos I (elementos de mobiliário). A/C – fechaduras de arca/baú; B – ferrolho de arca/baú; D/E/G/H – dobradiças; F – aplique de móvel. Escala: 5 cm.

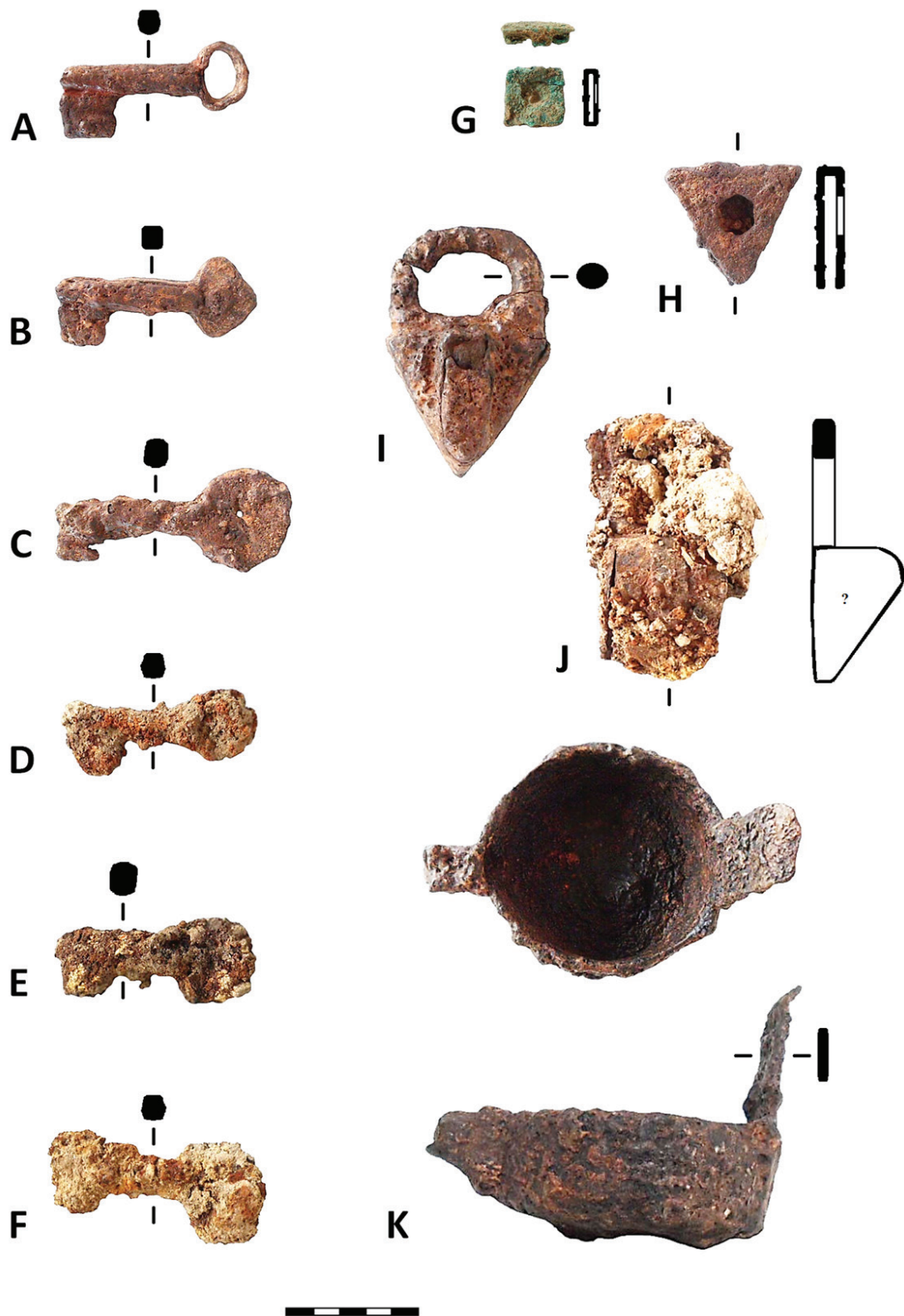


Figura 4 – Objectos domésticos II (objectos do quotidiano). A/B/C/D/E/F – chaves; G/H/I/J – cadeados; K – candeia. Escala: 5 cm.

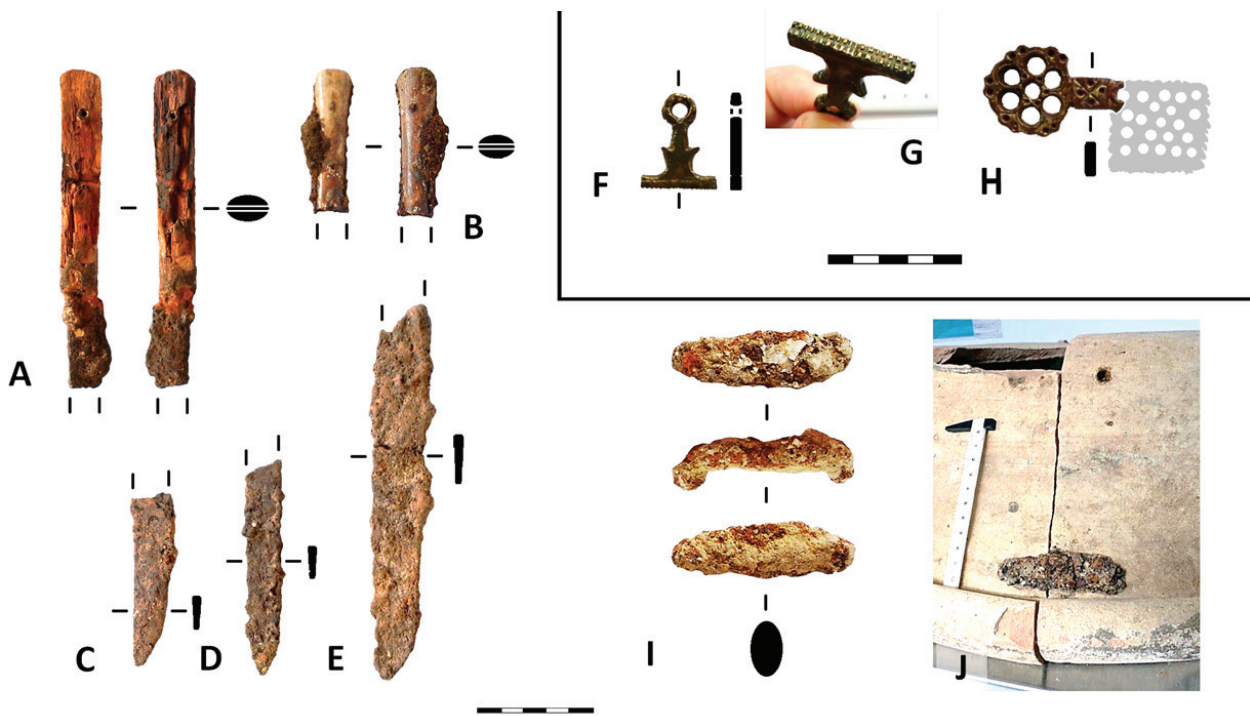


Figura 5 – Utensílios de cozinha. A/B/C/D/E – facas; F/H – pintadeiras (G – pormenor); I – “gato de alguidar” (J – *in situ*). Escala: 5 cm.

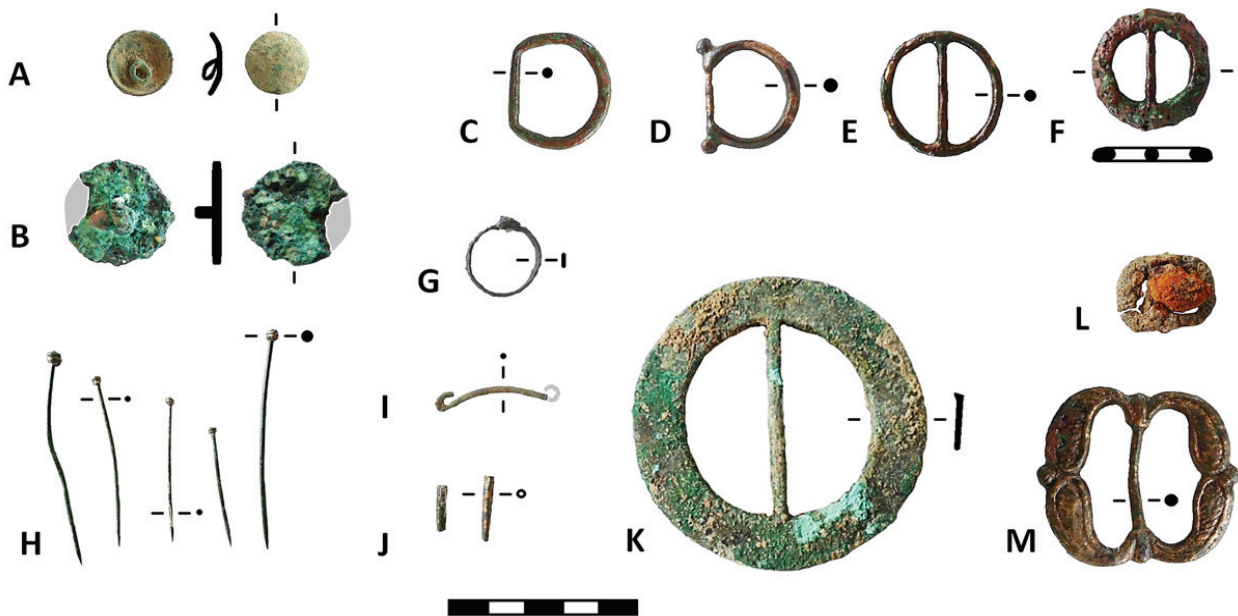


Figura 6 – Elementos de Vestuário. A/B – botões; C/D/E/F/K/L/M – fivelas; G – anel; H – alfinetes; I – pulseira ou colar (?); J – agulhetas. Escala: 5 cm.



Figura 7 – Instrumentos oficinais e/ou profissionais. A – dedais (B – pormenores); C/D/E – tesouras; F – machadinha; G – sachola; H – martelo. Escala: 5 cm.



Figura 8 – Objectos sonoros. A – guizo; B – címbalos; C – campainha. Escala: 5 cm.

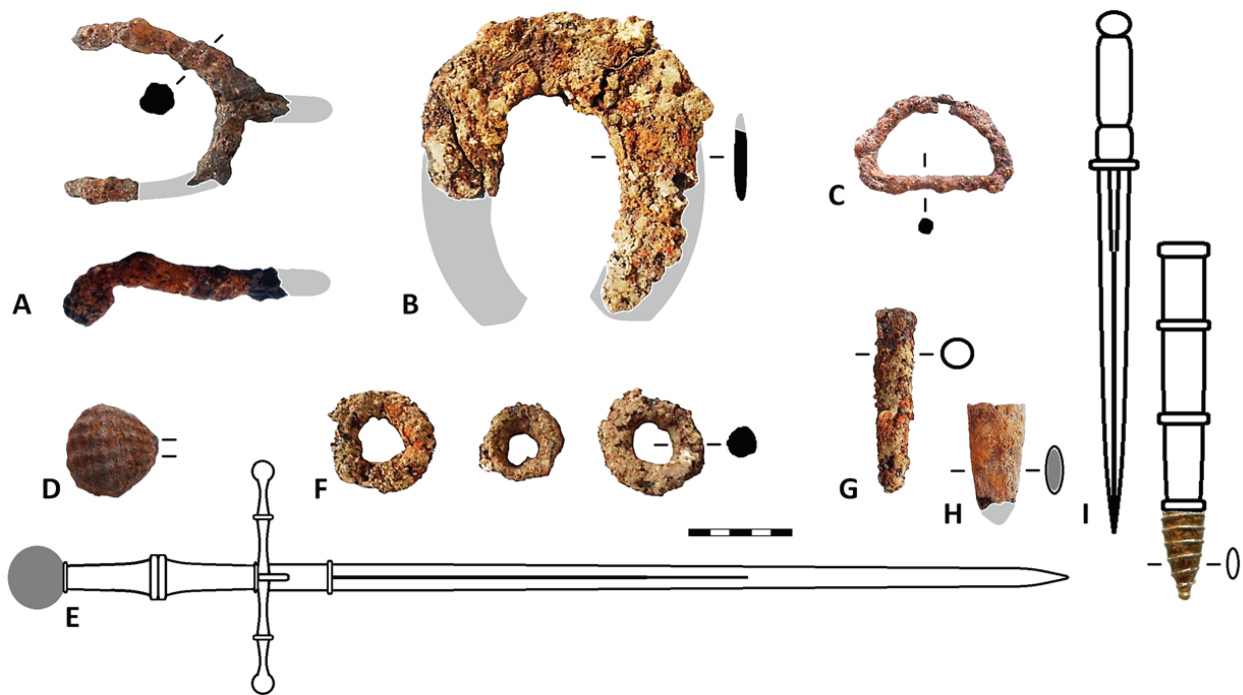


Figura 9 – Equipamento de Cavalaria e Armaria. A – espora; B – ferradura; C – fivela de cilha; D – pomo de espada (E – reconstrução de espada. Não se encontra à escala); F – argolas; G/H/I – ponteiros de bainha de punhal. Escala: 5 cm.

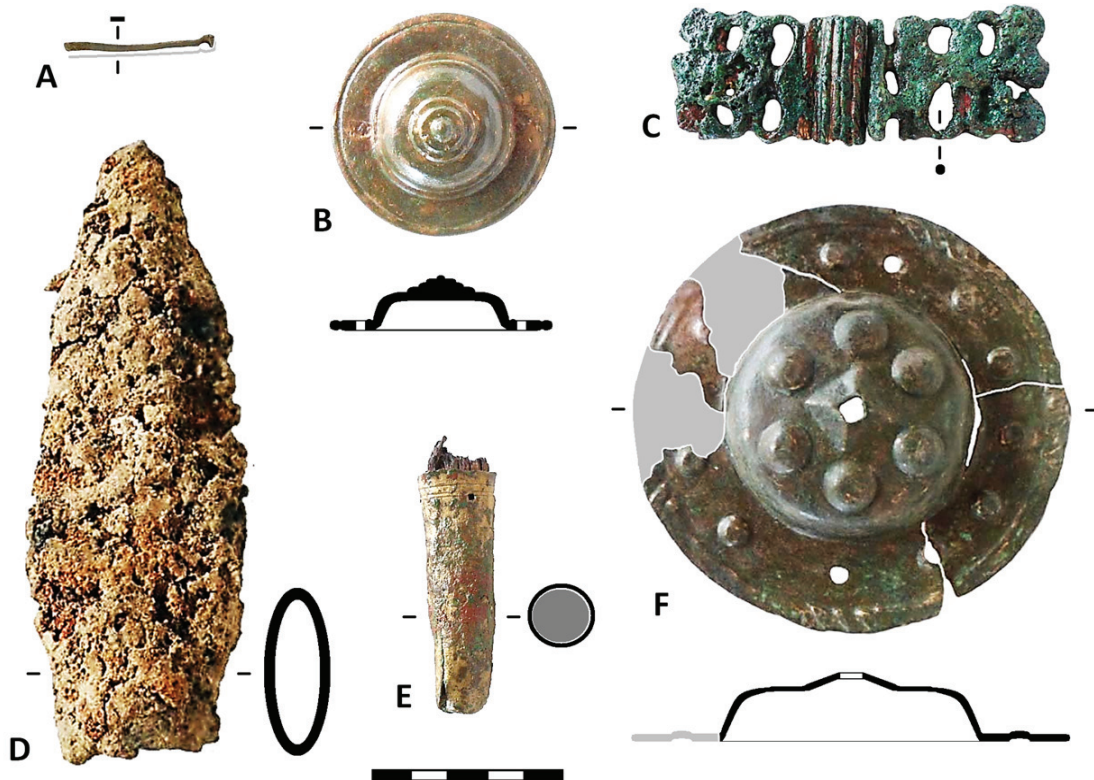
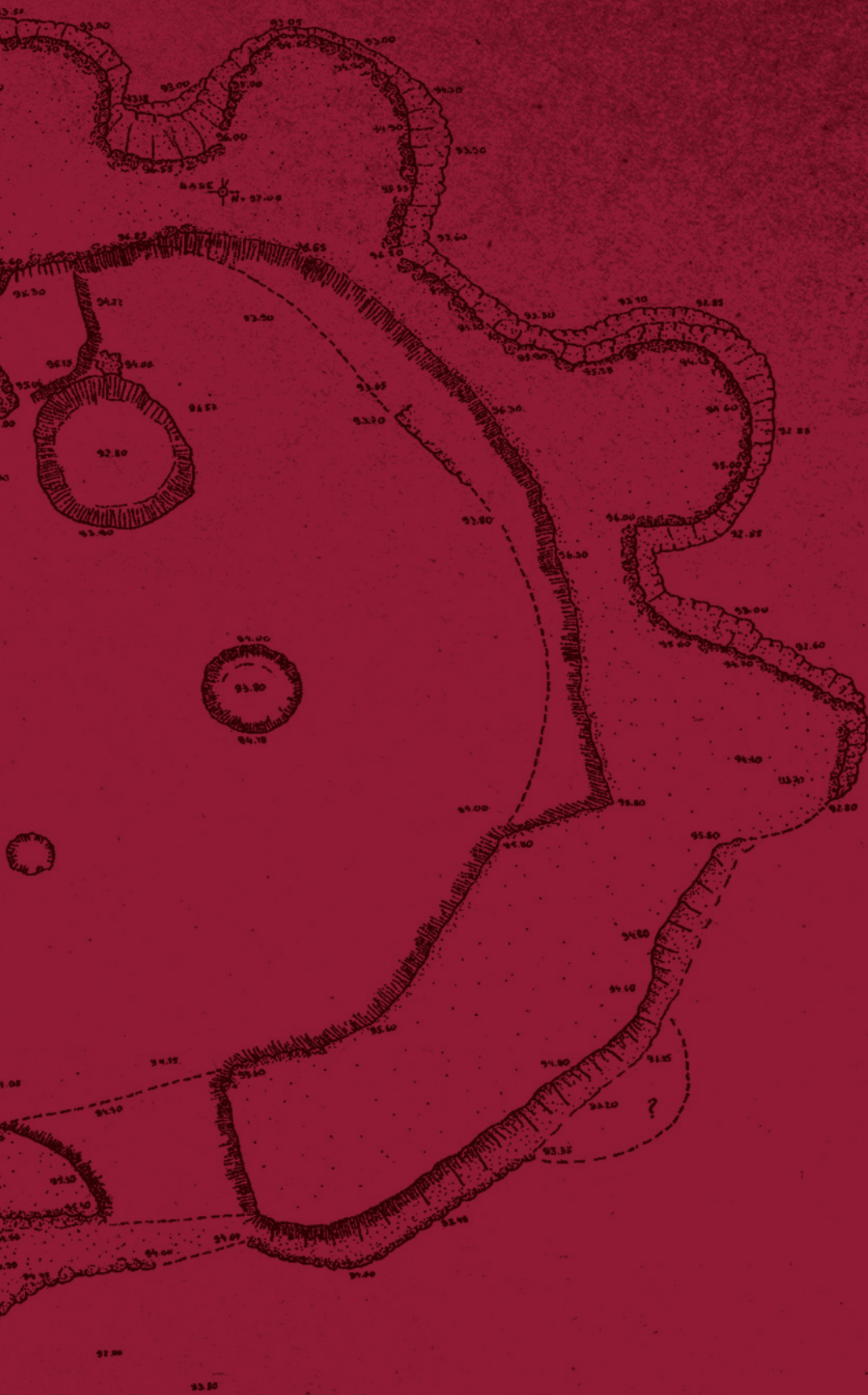


Figura 10 – Outros e Indeterminados. A – pinça; B – aplique/tampa(?)/ C – dobradiça (?)/ D – lança de estandarte; E – ponteira de bastão/cajado; F – indeterminado. Escala: 5 cm.



Patrocinador oficial